



Recebido em 09/06/2018. Aprovado em 06/11/2018. Publicado em 08/11/2018.

Editor: Dr. Ivano Ribeiro

Processo de Avaliação: *Double Blind Review* - SEER/OJS

e-ISSN: 2359-5876

<https://doi.org/10.5935/2359-5876.20180004>



O CRESCIMENTO DOS COMPLEXOS AGROINDUSTRIAIS NA MICRORREGIÃO DO SUDOESTE DE GOIÁS E SEUS REFLEXOS NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

THE GROWTH OF AGRO-INDUSTRIAL COMPLEXES IN THE SOUTHWEST MICROREGION OF GOIÁS AND ITS REFLECTIONS ON REGIONAL DEVELOPMENT

Edson Trajano Vieira¹

João Charlesdan Amorim Silva²

RESUMO

Em Goiás, a tecnificação e a modernização da agricultura passa por transformações na sua estrutura econômica a partir da década de 1970, quando o Estado institui uma agenda de políticas de investimentos para o campo que conciliasse os interesses entre o setor agrário, os grandes e médios produtores e o industrial, formados pelo capital nacional e internacional. A integração do interior, o equipamento do território com o crescimento e espalhamento de infraestrutura que permitiram a constituição do Complexo Agroindustrial e integraram a agricultura à indústria que articularam a expansão das fronteiras agrícolas. A microrregião do sudoeste de Goiás foi uma das regiões que mais se beneficiou desses projetos, conseguindo atrair agroindústrias de diversos setores e dando um salto em seu desenvolvimento socioeconômico, nesse cenário, ganha destaque as culturas de exportação, em que a microrregião se transforma com a expansão e surgimento de novos complexos agroindustriais. Diante disso, este artigo tem como objetivo identificar como foi o crescimento dos Complexos Agroindustriais na microrregião do sudoeste de Goiás e seus reflexos no desenvolvimento regional, com destaque para os municípios de Jataí, Mineiros e Rio Verde, que são os mais populosos e juntos perfazem 45% da área da região. Foram analisados o desenvolvimento agrícola e o crescimento da microrregião, a partir da década de 1970, com ênfase na década de 2000, a partir de uma revisão bibliográfica, análise de documentos e trabalhos acadêmicos, procurando mostrar os efeitos da industrialização sobre a economia da região e os indicadores sociais da sua população. No entanto, entende-se que a modernização e a tecnificação agrícola ainda não alcançou as condições necessárias para um desenvolvimento social, ambiental e economicamente sustentável e poderão ser ainda alcançados com políticas públicas voltada para tal fim.

Palavras chave: Planejamento e Desenvolvimento Regional; Complexos Agroindustriais; Microrregião do Sudoeste de Goiás.

¹ Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo - USP. Professor e Pesquisador do Programa de Mestrado em Planejamento e Desenvolvimento Regional da Universidade de Taubaté. E-mail: edson.trajano@pq.cnpq.br

² Mestre em Planejamento e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Taubaté. Professor do Centro Universitário de Mineiros. E-mail: joaoamorin@fimes.edu.br

ABSTRACT

In Goiás the technification and the modernization of agriculture undergoes changes in its economic structure from the 1970s, when the state establishes an agenda of investment policies to the field that reconcile the interests of the agrarian sector, the large and medium producers and industrial, trained by national and international capital. The integration of the interior, the equipment of the territory with the growth and spread of infrastructure that allowed the establishment of the Agroindustrial Complex and integrated agriculture industry who articulated the expansion of the agricultural frontier. Goiás micro-region of the Southwest was one of the regions most benefited from these projects, managing to attract agricultural industries from various sectors and taking a leap in its socioeconomic development and in this scenario is highlighted export crops, where the micro turns with the expansion and emergence of new agro-industrial complex. This study aimed to identify the growth of Agroindustrial Complex in the micro-region of the Southwest of Goiás and its effects on regional development, especially in the municipalities of Jataí, Miners and Rio Verde, which are the most populated and together make up 45% of the area the study area. Were analyzed agricultural development and growth of Southwest Goiás micro-region from the decade de1970 with emphasis in the 2000s, from a literature review, analysis of documents and scholarly works, trying to show the effects of industrialization on the economy region and social indicators of the population. However, it is understood that modernization and agricultural technification not yet reached the necessary conditions for a socially, environmentally and economically sustainable development and may still be achieved with public policies aimed at this purpose.

Keywords: Planning and Regional Development; Agroindustrial Complex; Microregion of Southwest Goiás.



1. INTRODUÇÃO

Com a Revolução Verde, a partir de 1960, com a fertilização do solo, utilização de máquinas, pesquisa com sementes que se adaptam ao solo e ao clima dos cerrados. O governo federal implanta no Centro Oeste uma agricultura mecanizada, introduz novas tecnologias para uma produção em grande escala, já que o intuito dos governos federal e estadual era de produzir culturas que suprissem o mercado interno e externo e assim elevar o PIB do Brasil com as exportações, com a intenção de que ocorresse um desenvolvimento econômico regional (IMB/SEGPLAN, 2010).

Juscelino Kubitschek, com seu Plano de Metas (conjunto de 30 objetivos a serem alcançados em 5 anos pelo seu governo) através, de investimentos nacional e internacional em infraestrutura de estradas (BR 153, 364 e 060), energia elétrica e telecomunicações, tenta fazer a integração da economia, estimulando assim o povoamento do interior do país. Com fluxo migratório de agricultores de outras regiões como paulistas, paranaenses e gaúchos, na década de 1960, para ao Centro Oeste, ocorreram à entrada de novas culturas como a soja e a cana em substituição ao arroz, o feijão e o milho, surgindo assim um novo modelo produtivo (IMB/SEGPLAN, 2010).

Há uma transformação regional e territorial, em função da grande mecanização na produção agropecuária, aumentando as exportações de grãos e carnes, que ainda eram incipientes nas décadas de 1970 e 1980. Segundo Pires (2008), foi um incentivo à modernização conservadora e a expansão do capitalismo e da mecanização para o campo, sem extinção dos latifúndios já existentes.

A modernização agrícola do Estado de Goiás se dá pela microrregião sudoeste de Goiás que se intensifica a partir da década de 1970, com o aumento do uso de maquinário na atividade agrícola, principalmente de tratores e colheitadeiras. O Estado investe fortemente na agroindústria na região por meio de políticas agrícolas, incentivos fiscais, financeiros, política de preço mínimo, estocagem e acesso ao crédito (ARRAIS, 2002).

Como consequência, com a agroindústria ocorre, na microrregião do sudoeste de Goiás, a expansão da construção civil, surgimento de cursos técnicos para satisfazer a demanda do mercado, aumento no efetivo bovino, suíno e de aves, diversificação na produção agropecuária, atração de empresas prestadoras de serviço, aumentando assim a produtividade local (IMB/SEGPLAN, 2010).

A microrregião é formada por 18 municípios e uma população, em 2014, de 494.619 habitantes, sendo desses 356.386 (72,0%) residentes nos três municípios mais populosos da região, Jataí, Mineiros e Rio Verde, para onde uma boa parte desses investimentos foi direcionada (IBGE, 2015).

Ainda segundo a EMBRAPA, inicia-se o cultivo de grãos com a produção de milho e algodão e, a partir de 1970, se efetiva a plantação de soja na região, primeiramente em Rio Verde e Mineiros, expandindo em seguida para todo o sudoeste e, a partir de 1975, como produto de exportação.

Com o processo de modernização e inserção do cultivo da soja na microrregião do sudoeste de Goiás, dentro da nova fronteira agrícola nacional, várias agroindústrias começaram a atuar na microrregião. Algumas implantaram unidades de armazenagem e/ou processamento e outras, escritório de compra e venda de produtos, fundamentalmente a soja. Nesse grupo, pode-se destacar a atuação de três grandes agroindústrias de inserção nacional e internacional, Caramuru Alimentos S/A, Cargill Agrícola S/A e Coinbra S/A e a Comigo (Cooperativa Mista

de Produtores do Sudoeste Goiano Ltda.), cooperativa que surgiu por iniciativa de atores locais e contribuiu para a transformação do espaço microrregional (BORGES, 2013).

Para Castro e Fonseca (1995), o Complexo Agroindustrial (CAI) na microrregião sudoeste de Goiás, em muitos casos está ligado à presença de cooperativas que servem como promotoras do plantio, receptoras, produtoras de insumos e financiadoras do produto. Esse crescimento econômico na região foi acompanhado pelo crescimento populacional, aumentando as demandas sociais e gerando impactos ambientais que nem sempre fizeram parte dos debates e das ações políticas implantadas em Goiás.

2. COMPLEXO AGROINDUSTRIAL E O CRESCIMENTO ECONÔMICO

Igliori (2010), afirma que o interesse por essa forma de organização de atividades econômica, CAI, deve-se principalmente à existência de casos de sucesso em diversos países desenvolvidos.

Para Muller (1989), a modernização da agricultura no Brasil a partir da década de 1960, com o surgimento do CAI, produz modificações nas relações da indústria com a agricultura. O Estado atuou com os subsídios ao crédito, incentivos fiscais e políticas com incentivos à exportação, ocorrendo assim a expansão do mercado agroindustrial no Brasil.

Muller (1989), afirma que surge um novo padrão que produziu um crescimento negativo da população rural, ao contrário da população urbana, que registrou substancial crescimento. Esse fato está ligado ao processo de ocupação das fronteiras que foram ampliadas, que implicou o crescimento diferenciado de algumas aglomerações urbanas, tanto as capitais, como também cidades pequenas e médias, dando origem ao processo de urbanização que mostrou a importância que os centros urbanos passaram a ter como áreas de circulação da força de trabalho resultante das mudanças nas relações de trabalho no campo com o surgimento dos complexos agroindustriais.

Segundo o Instituto Mauro Borges (IMB/SEGPLAN, 2010), na microrregião do sudoeste de Goiás, também ocorre o mesmo fenômeno, em que importantes polos agroindustriais se instalaram e empurram os pequenos agricultores para as cidades.

A constituição do CAI só se torna possível a partir da intensificação da produção de máquinas e insumos para a agricultura. Para Silva (1998), a estrutura e a evolução do CAI refletem de forma clara a nova dinâmica agrícola do período.

Para Igliori (2010), devem ser avaliadas as potencialidades de estratégias de desenvolvimento local que priorizam a formação de polos tecnológicos com financiamentos para os grupos de empresas, e a formação de instituições que estejam relacionadas com o desempenho econômico das empresas e que estejam articulados com uma política industrial de âmbito nacional em que a constituição de polos tecnológicos faz parte de estratégia nacional de inserção externa.

A modernização da agricultura passa por inúmeras fases. No Brasil, inicia na década de 1960 até meados da década de 1980, com elevadas taxas de crescimento na produção de grãos, processo que se mantém até hoje, porém sem o mesmo dinamismo. Houve um salto dado pela agricultura nessa fase em parâmetros como produção, produtividade, incorporação do capital, de programa técnico, de avanço e modificação da base técnica (RICCI, 1994).

A política agrícola, da década de 1970, refletiu na estrutura agrária, porque o projeto de modernização da agricultura brasileira procurou alterar a base técnica sem alterar mudanças na estrutura agrária, quando um pequeno número de proprietários agrícolas (médios e grandes proprietários), receberam 60% do crédito distribuído (DELGADO, 1985).



Para Silva (1998), a modernização ocorreu de forma parcial, beneficiando alguns produtos, algumas regiões e algumas fases do ciclo produtivo. Esse novo padrão de desenvolvimento econômico exclui o homem do campo, da geração de emprego, com diminuição da renda, causando uma desordem no espaço rural, com a propriedade da terra subordinada ao capital.

Segundo Balsan (2006), com as alterações no modo de produção e organização da produção agrícola, há uma reorganização do espaço geográfico, adequando-o às novas condições de produção determinadas, em geral, pelos interesses do Estado e dos grupos econômicos capitalistas. O modelo voltado para o consumo do capital e tecnologia com grupos passaram a fornecer insumos como máquinas, sementes, adubos, fertilizantes e agrotóxicos. Não só aumenta a dependência da agricultura em relações a outros setores da economia como o industrial e o financeiro com um alto grau de desequilíbrio social e ambiental. Na região, a indústria está vinculada ao beneficiamento e a transformação de matérias-primas, principalmente da agricultura, nas atividades de base primária e a atual situação do Brasil em relação ao seu dinamismo quanto à agropecuária está relacionada com o dinamismo da região.

Os investimentos no Centro-Oeste têm na agricultura o seu principal setor, com polos de crescimento espalhados pela região e o Estado de Goiás é o maior produtor de grãos (soja e milho) e Mato Grosso o maior produtor de soja. O crescimento da Região, que até a década de 1970 era tido como o celeiro do Brasil, na qual sua função era produzir de matéria-prima produtos de necessidade básica para o restante do país, modifica-se com a agroindústria de grãos. A ocupação do Centro-Oeste é assegurada pela entrada do capital patrocinada pelo Estado, via SNCR (Sistema Nacional de Crédito Rural), principalmente em Goiás a partir de 1970, com grande impacto na organização social (FERREIRA & FERNANDES, 1996).

Para Silva (1998), o processo de industrialização da agricultura brasileira, foi se convertendo num setor subordinado à indústria, e por ela foram sendo transformadas. Essa indústria é consolidada a partir da constituição do CAI, que surge no Centro Oeste, onde a agricultura deixa de ser um mercado de bens de consumo para ser o meio industrial da produção, denominada de modernização conservadora da agricultura. O crescimento dos complexos agroindustriais está estruturado com três produtos básicos: a soja, a carne e a cana de açúcar.

A partir da década de 1960, com incentivos subsidiados pelo Governo Federal, a soja se estabelece como cultura economicamente de importância para o Brasil (MAPA, 2014). Com uma produção de 206 mil ton., em 1960, passa a produzir 1,056 ton., em 1969, sendo produzida nos três estados do sul, com 98% do total produzido no país. Mas é na década de 1970 que a soja se consolida como principal produto do agronegócio brasileiro, quando passa de 1,5 milhões de ton., em 1970, para mais de 15 milhões de ton., em 1979, segundo a Embrapa, crescimento que se dá tanto quanto ao aumento da área, de 1,3 para 8,8 milhões de hectares, como também ao crescimento da produtividade, que passa de 1,14 para 1,73 t/ha, graças às novas tecnologias implantadas no campo.

Alguns fatores foram preponderantes para que a soja se tornasse o principal produto de exportação do Centro-Oeste e do Brasil, tendo o Mato Grosso como o principal exportador da região nos últimos anos, e o Brasil o segundo maior exportador do grão, apenas atrás dos Estados Unidos. Fatores como a construção de Brasília, melhorias na infraestrutura das vias de acesso, comunicação e urbanização, incentivos fiscais, construção de silos e armazéns, instalação do complexo agroindustrial, baixo valor das terras da região, topografia favorável à utilização de máquinas, pacotes tecnológicos introduzidos pelas pesquisas (Embrapa), e de novas cultivares de soja adaptadas à região e um regime pluviométrico favorável ao cultivo de verão (CONAB, 2008).

Segundo as estimativas da (USDA, 2015), os Estados Unidos foram os maiores produtores mundiais de soja, em 2014, com 88,66 toneladas produzidas com 5% menos que o previsto, em função da seca que causou quebra na produção. O Brasil, o segundo maior produtor com 88 milhões de toneladas, com um aumento de 7% na produção, em função do aumento da área cultivada. Seguido da Argentina com 53,5 milhões e da China com 12,2 milhões de toneladas. As importações mundiais também cresceram em 9% em relação a 2013, sendo a China o maior importador com 66% do total.

Com a crise mundial do petróleo em 1973, (VIEIRA *et al*, 2009), o governo cria três programas (eletrificação rural, biocombustível, Proálcool) que irão substituir o óleo diesel e a gasolina por outras fontes de energia interna. Em 1975, cria o Proálcool (Programa Nacional do Álcool) para fazer a regulamentação do uso do álcool anidro misturado à gasolina e diminuir a importação do óleo cru.

Das culturas produzidas no Brasil, em relação à área plantada, a cana de açúcar ocupa o terceiro lugar, e a soja a primeira cultura e o milho a segunda, e a cada safra a área plantada aumenta. A maior produção de cana se concentra no Centro-Sul e o maior produtor é São Paulo, o segundo Minas Gerais, o terceiro o Paraná e Goiás o quarto maior produtor do Brasil com o Centro-Sul possuindo o maior polo industrial para a produção do açúcar e do álcool, com 279 do total de 411 em todo o país (CONAB, 2011).

Segundo a Conab (2013), com a tendência de novas usinas no Centro-Sul, as áreas de expansão dessas usinas totalizariam a cerca de 676 mil hectares com 642 milhões de toneladas a serem colhidas na safra 2013/2014, com uma produção de 42 milhões de toneladas de açúcar e 25,3 bilhões de litros de etanol, representando um aumento de 7,45% para o açúcar e 8,55% para o etanol.

O atual modelo de expansão da produção da cana-de-açúcar poderá prejudicar a sociedade como um todo, pois é uma cadeia que tem um forte passivo ambiental e social, segundo Pietrafesa e Silva (2011). No campo ambiental, com a poluição do ar e efeito estufa, motivados pelas grandes queimadas, e por ser monocultura, a lavoura perde parte de sua biodiversidade. Ainda segundo os mesmos autores, no aspecto social encontram-se os constantes conflitos trabalhistas por manter trabalhadores em situação de escravatura.

Argumenta-se que a cadeia produtiva gera novos empregos, diretos e indiretos, mas é importante analisar de onde vem essa mão-de-obra. Em Goiás, ela é sazonal, há um aumento esporádico de contratações no ano, ainda segundos os mesmos autores, em alguns municípios que a cana teve forte penetração, agricultores familiares arrendaram suas terras para a lavoura da cana, abandonando sua tradicional ocupação, migrando para os centros urbanos (PIETRAFESA & SILVA 2011).

Com a evolução dos Complexos Agroindustriais, o Centro-Oeste, Goiás e a microrregião do sudoeste de Goiás, tornaram-se área de produção agroindustrial e não mais fornecedoras de matéria-prima e se integram na nova dinâmica econômica do país. Surgem polos que sustentam tal crescimento, e crescem espalhados pela região e têm entre as suas principais atividades agropecuárias a produção de soja, algodão, milho, carne bovina, suína, frango, etanol e açúcar (IMB/SEGPLAN, 2010).

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa exploratória, que busca investigar, caracterizar e descrever como ocorreu o crescimento dos complexos agroindustriais na microrregião do sudoeste de Goiás e seus reflexos no desenvolvimento regional.



Para Richardson (1999), os dados da pesquisa que fundamentam e esclarecem o problema proposto devem ser produzidos e tratados de acordo com a proposição da pesquisa. No estudo em questão, os dados foram produzidos com base documental, pois seu objetivo está voltado para entender o crescimento e o desenvolvimento de uma região ou local. Logo, as informações coletadas serviram para dar sustentação à pesquisa realizada, observando seu caráter documental.

O trabalho está fundamentado em uma revisão bibliográfica de autores que tratam do assunto, e foram selecionados dados que visam atender ao assunto em pauta quando do planejamento e da escolha do tema da pesquisa: os CAI, seu crescimento na microrregião do sudoeste de Goiás e suas implicações.

Descreve-se a realidade encontrada, pois o objetivo é o entendimento do crescimento econômico regional e seu desenvolvimento em função de um fator, o surgimento ou crescimento do complexo agroindustrial, utilizando-se do levantamento de dados em fontes secundárias, como revistas, artigos e periódicos, para analisar as características socioeconômicas e o desenvolvimento regional.

Para Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa está fundamentada por uma revisão bibliográfica, em material já elaborado, como livros, artigos científicos e em sítios na internet de autores reconhecidos e de pesquisadores que abordam o processo de ocupação da microrregião e a evolução e crescimento dos complexos agroindustriais.

A mensuração dos aspectos relacionados aos indicadores sociais e econômicos foram realizados a partir de instituições que acompanham os indicadores regionais, como IBGE, IPEA, Ministério da Agricultura (MAPA), IMB/SEGPLAN/SEPIN, e Instituto Mauro Borges, bases que alocam e consolidam em seus *sites* dados referentes à região em estudo, como tabelas, gráficos, dados estatísticos, instituições de cunho nacional e regional que pesquisam e fornecem informações confiáveis a uma pesquisa documental.

4. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

4.1 Ocupação e crescimento de Goiás

Com o avanço da industrialização no sudeste do Brasil, há uma necessidade de abertura de frentes de produção de alimentos, e a região escolhida foi o Centro-Oeste. A abertura da Estrada de Ferro Goiás, em 1930, permite a diversificação da agricultura e também comercialmente, que abastecia os grandes centros como Minas e São Paulo (BORGES, 2005).

A melhoria dos meios de transportes e comunicação, na década de 1970, eleva o potencial de Goiás e o afasta do isolamento físico e econômico em que se encontrava. Com a Estrada de Ferro, a economia regional deixa uma situação de estagnação e começa a se expandir. Ao lado da pecuária, a agricultura começou a se organizar com a atividade mercantil. Com a construção de Brasília, a mudança da capital de Goiás para o Planalto Central e construção da Estrada de Ferro, há um efeito social e econômico em todo o Centro-Oeste e principalmente em Goiás, que sofreu um aumento populacional de 57,8% no censo de 1950 a 1960, enquanto que no país foi de 34,9%. Houve também uma queda, entre 1950 e 1970, da população rural do Estado de Goiás, de 79,8% para 57,9%; enquanto as cidades tiveram um aumento populacional de 152,1% sendo que a zona rural perde 12,2% de sua população (FALEIRO, 2010).

O novo padrão agrícola em Goiás nasceu do processo de modernização da agropecuária nacional, tendo como elemento propulsor os Planos de Desenvolvimento Regional planejados

pelos governos federal e estadual desde meados de 1970 do século passado, planos que deram um grande impulso nas mudanças, na forma e no modo de produzir na microrregião do sudoeste de Goiás. Sendo a soja é o principal produto de exportação do Estado de Goiás, a sua inserção como produtor e exportador e com o desempenho na divisão do trabalho e sua proximidade com o sudeste do país, coube à região do sudoeste de Goiás, pelas suas características próprias em produzir grãos, sobretudo a soja (FALEIRO, 2010).

O PRODECER I, II e III, que substituiu o POLOCENTRO, foi um modelo agroindustrial cooperativo destinado a promover a colonização dos cerrados, intercâmbio com os japoneses com investimentos para os cerrados. O PRODECER II (1980) estendeu seus projetos de ocupação aos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Bahia, com 200.000 hectares em projetos atendidos. O PRODECER III, 1993, abrange as regiões dos estados do Maranhão e Tocantins com mais 40.000 de hectares atendidos pelo programa. Esse programa estimulou a migração, colonização de mais de 300.000 hectares nessas regiões, isto é, direta ou indiretamente os cerrados foram ocupados com a finalidade de desenvolver atividades agropecuárias (IMB/SEGPLAN, 2010).

Com os investimentos no estado pelos governos federal e estadual, há o incremento na produção agropecuária e junto à industrialização de grãos e carne. Com os programas FOMENTAR e depois o PRODUIZIR resultou na implantação das indústrias de soja e seus derivados como a COMIGO, ADM, GRANOL dentre outros e os frigoríficos como FRIBOI, MARFRIG GROUP, PERDIGÃO, hoje BRASIL FOODS. Com esse crescimento, a Região Centro-Oeste torna uma área de produção agroindustrial e não mais fornecedora de matéria-prima e se integra na nova dinâmica econômica do país. Surgem polos que sustentam tal desenvolvimento e crescem espalhados pela região, que tem entre as suas principais atividades agropecuárias a produção de soja, algodão, milho, carnes bovina, suína e de frango e a cana-de-açúcar (IMB/SEGPLAN, 2012).

O processo de modernização proposto provocou transformações no espaço agrário do Centro-Oeste, especificamente na região sudoeste de Goiás. Com os programas que foram criados para a inserção de novas tecnologias no agronegócio e financiados pelo governo federal, é proporcionado pelo Estado a industrialização do campo e a capitalização da agricultura. As políticas públicas para o agronegócio assumem papel importante para a estruturação do território em desenvolvimento (FERREIRA & FERNANDES FILHO, 1996).

Os indicadores de modernização da agricultura em Goiás, nessa década, foram responsáveis pela transformação agrícola da região e que o uso de defensivos e fertilizantes foi os principais difusores de inovações agrícolas. Há uma penetração do progresso técnico no Estado de Goiás mantendo o desempenho nos indicadores de modernização agrícola, período em que houve um aumento nos investimentos na agropecuária em Goiás, segundo o IBGE, 2006.

Esse novo padrão agrícola também foi impulsionado por pesquisas realizadas pela EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), EMBRATER (Empresa Brasileira de Assistência e Extensão Rural), e pela EMGOPA (Empresa Goiana de Pesquisa Agropecuária) com o desenvolvimento de inovações tecnológicas para uma adaptação de culturas que fossem favoráveis ao clima do estado, principalmente a soja e o milho em substituição de produtos da agricultura familiar, pela agricultura moderna, correspondendo em 1980 por 82,4% da área colhida no Estado (IMB/SEGPLAN, 2010).

Com a expansão da área plantada e a diversificação de culturas, há um aumento da produção, havendo também um aumento na exportação do complexo soja, carne e minério.

Com a expansão da área plantada e a diversificação de culturas, há um aumento da produção, havendo também um aumento na exportação da soja e seus derivados, carne e



minério. No ano de 2006 existiam, em Goiás, 147.566 estabelecimentos rurais correspondendo a 15,709 milhões de hectares em área e o quarto maior produtor de grãos do país, com uma participação de 9,7% em 2009, um volume de produção em 4.980.834 t de milho, a soja foi de 6.808, 587 t e a cana-de-açúcar de 44.064,470 t. Um rebanho bovino de 20,466 milhões de cabeças, o quarto lugar no Brasil com 10,1% de participação. Com uma produção de leite de 2,873 bilhões de litros, o terceiro lugar nacional e uma participação de 10,4% da produção brasileira. Nesse cenário, o PIB estadual atingiu um valor de R\$ 97,576 bilhões, em 2010, com um crescimento real da economia goiana de 8,8%, com a agropecuária atingindo 5,4%, serviços 6,4% e a indústria 13,7%, com um PIB per capita de R\$ 16.251,7. Em 2012, o PIB do Estado de Goiás foi de R\$ 112,33 bilhões de reais, 2,5% do PIB nacional (IMG/SEGPLAN, 2013).

4.2. Ocupação e Crescimento da Microrregião do Sudoeste de Goiás

A microrregião do sudoeste de Goiás é formada por 18 municípios: Aparecida do Rio Doce, Aporé, Caiapônia, Castelândia, Chapadão do Céu, Doverlândia, Jataí, Maurilândia, Mineiros, Montividiu, Palestina de Goiás, Perolândia, Portelândia, Rio Verde, Santa Helena de Goiás, Santa Rita do Araguaia, Santo Antônio da Barra e Serranópolis. É uma das dezoito microrregiões do estado, pertencente à mesorregião Sul Goiano (Sudoeste, Vale dos Rios dos Bois, Catalão, Meia Ponte, Pires do Rio e Quirinópolis), (IMB/SEPLAN, 2013).

Com uma densidade populacional de 7,96 (IMB/SEPLAN), em que 89,7% da população é urbana e com 39,5% dos habitantes da microrregião do sudoeste de Goiás residentes no município de Rio Verde, o mais populoso. Ainda segundo o IMB/SEPLAN, é uma microrregião de alta renda, com uma renda per capita de R\$ 33,780 por habitante em 2014, que vem se transformando em uma região com alto grau de crescimento, com a expansão e modernização da agricultura por meio de incentivos públicos fornecida aos produtores rurais e com investimentos em pesquisas e tecnologia, fazendo dessa região uma das mais produtivas do mundo.

Segundo Helfand e Rezende (1998), tecnologia, novas organização da produção, aspectos organizacionais e políticos estariam fazendo com que houvesse o deslocamento das atividades industriais para a região. A instalação de agroindústrias na microrregião do sudoeste de Goiás provocou vários impactos como a expansão da construção civil, do comércio, surgimento de cursos técnicos voltados para a agroindústria, aumento no efetivo de rebanho de aves e suínos, diversificação na agropecuária, atração de novas empresas e instituições financeiras. Fatores como armazenamento, qualidade da matéria-prima, proximidade dos grandes centros, incentivos fiscais e a produção em escala são fatores de atração das indústrias para a região.

O crescimento industrial que surge na microrregião está relacionado com as políticas de atração de indústrias pelo governo do Estado por meio de incentivos fiscais (IMB/SEPLAN, 2012). São empresas que foram beneficiadas por programa como o FOMENTAR (programa destinado a fomentar a industrialização do estado), criado em 1984, atraiu R\$ 1 bilhão em investimentos.

Os municípios de Rio Verde com 8500 Km² de área total, Jataí com 7100 Km² e Mineiros com 9500 Km², perfazem 45% da área da microrregião e produziram 30% da soja no Estado de Goiás em 2012, Tabela 1, Montividiu foi terceiro maior produtor de soja em 2012, mas não há agroindústrias, apenas plantações de soja e milho.

Tabela 1 – Microrregião do Sudoeste de Goiás - Principais Produtores de Soja 2011/2012.

Municípios	Produção (ton.)
Rio Verde	907.500
Jataí	853.200
Montividiu	368.880
Mineiros	290.700

Fonte: IBGE/LSPA-2011/2012.

É também no sudoeste do Estado que se concentram a grande maioria das destilarias de etanol. Em 2001, já eram produzidos 381.795 m³ de etanol com 11 usinas em funcionamento e, em 2012, eram produzidos 2,77 bilhões de litros de etanol (IMB/SEPLAN, 2012). Tal crescimento se dá no setor em função dos incentivos fiscais por parte do Governo Estadual, que entre 2000 e 2011, 59% dos empréstimos contratados pelo incentivo fiscal PRODUIR, eram destinados ao setor sucroalcooleiro.

5. INDICADORES DE CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO DA MICRORREGIÃO DO SUDOESTE DE GOIÁS

A taxa de crescimento do número de empregos formais na microrregião do sudoeste de Goiás cresceu em média 7,4% entre 2006 e 2011, segundo o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), média acima do Estado de Goiás, com 6,5%. Rio Verde contribui para esse crescimento com 31,4% na agropecuária, 54,1% na indústria e 47,6% nos serviços, seguidos por Jataí com 11,9%, 15,3%, 20,2% e Mineiros com 17,4%, 11,5%, 12,2% respectivamente.

Na microrregião, a concentração de trabalhadores na faixa salarial de até cinco, salários mínimos foi relativamente alta, conforme informações para depois cair e oscilar. Essa concentração do salário na faixa dos cinco mínimos se deve à qualificação do trabalhador, com o aumento das agroindústrias houve um aumento nos cursos para a qualificação da mão-de-obra, segundo o IBGE. Quando se considera a faixa etária, a renda na microrregião do Sudoeste de Goiás é maior com a idade, (MTE, 2010), mas é menor do que as médias do país e do estado com o aumento da faixa etária.

Na Tabela 2, demonstra a renda na microrregião do sudoeste de Goiás por faixa de remuneração. Em 2012, a renda média na microrregião do Sudoeste foi de R\$ 1.573,95 e, em 2013, de R\$ 1.728,11 com um aumento real de 4,0%. Houve aumento real na renda do trabalhador, para homens foi de R\$ 1.785,02 para 1.953,99 (3,7%) e para as mulheres de 1.594,62 para 1.712,53 (1,7%), demonstrando uma tendência de aumento real na renda da região (RAIS, 2013).



Tabela 2 – Distribuição dos Empregos Formais (em salários mínimos) na microrregião do sudoeste de Goiás por faixa de remuneração (%) entre 2005 e 2011.

Ano/Remuneração	2005	2007	2009	2011
Até 0,50	0,6	0,5	0,5	0,5
0,51 a 1,00	9,9	8,4	8,3	7,4
1,01 a 1,50	21,5	25,7	24,7	23,3
1,51 a 2,00	21,0	23,3	20,7	20,7
2,01 a 3,00	22,5	20,3	20,8	21,8
3,01 a 4,00	8,4	7,5	8,1	8,9
4,01 a 5,00	3,9	3,3	4,2	4,9
5,01 a 7,00	3,5	3,4	3,9	4,7
7,01 a 10,00	2,0	2,0	1,9	2,4
10,01 a 15,00	1,3	0,9	1,0	1,0
15,01 a 20,00	0,5	0,3	0,3	0,3
Mais de 20,00	0,4	0,2	0,2	0,2
Não classificado	4,8	4,0	5,2	3,9
Total	100	100	100	100

Fonte: IBGE/MTE (2010).

O setor que apresentou aumento na renda, em 2013, foi a agropecuária com ganho real de 7,3%. O setor de serviços apresentou um aumento de 5,4%, a administração técnica profissional 8,4%, a indústria de transformação com um ganho real na remuneração de 4,8%. Segundo IMB/SEGPLAN (2014), os dados confirmam a tendência de ganhos na renda salarial.

Na renda per capita da população do Estado de Goiás, há também um grau de desigualdade. De um modo geral, a renda per capita da população, em 2010, era de R\$ 697,19, e 1% da população mais rica tinha uma renda per capita de R\$ 9.091,94. A parcela pobre apresentava uma renda per capita de R\$ 98,09 e a extremamente pobre de R\$ 31,33, mostrando as disparidades da renda da população IPEA (2012).

Quando se considera a faixa etária, a renda na microrregião é maior com a idade (MTE, 2010), mas é menor do que as médias do país e do Estado com o aumento da faixa etária (Tabela 3).

Tabela 3 – Renda média no Brasil, em Goiás e na microrregião do sudoeste de Goiás por faixa etária 2011 (S/M).

	15 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 64	65 ou mais	Média
Brasil	1,05	1,76	2,55	3,22	3,87	4,56	4,78	3,18
Goiás	0,92	1,62	2,28	2,75	3,24	3,83	4,21	2,69
Sudoeste de Goiás	1,0	1,8	2,4	2,8	2,9	2,8	2,6	2,5

Fonte: IBGE/MTE (2010).

A distribuição do Produto Interno Bruto também mostra uma má distribuição, com concentração da renda que é gerada no estado. O PIB Municipal para 2010 foi registrado, em média, de R\$ 968,65 milhões, com 34 municípios acima da média e 212 abaixo, que caracteriza

uma concentração de renda, já que o PIB total foi de R\$ 97,6 bilhões para uma população de aproximadamente seis milhões de habitantes (IMB/SEGPLAN, 2012).

O ISDM (Indicador Social de Desenvolvimento dos Municípios) revelou que entre 2000 e 2010, Goiás esteve estagnado em função do mau desempenho da saúde, segurança e habitação, mesmo com ganhos na renda e trabalho, uma taxa de formalização entre os empregados passando de 54,2% para 68,49% com um ganho de 66% no salário mínimo desde 2002, segundo a Fundação Getúlio Vargas e Dieese (ASCOM/UFG/2012).

Apesar da renda per capita familiar ter crescido 35,5% na década, bem acima da nacional, que foi de 23,5% no mesmo período, a erradicação da pobreza extrema ainda está longe de acontecer em Goiás, pois em 2010, 3,2% viviam nessas condições, 32% das pessoas com mais de 60 anos não tinham cobertura da Previdência Social (IPEA, 2012).

A renda familiar cresceu quase 53% no meio rural, o rendimento médio do trabalhador no Estado passou de R\$ 917,50, em 2000 para R\$ 1.104,60, em 2010, um avanço de 20,3%, reduzindo assim pela metade a parcela da população que vivia sobre extrema pobreza em Goiás, de 6,5% para 3,2%, segundo o IPEA.

O percentual da população, segundo o IPEA, com idade acima de 60 anos, com benefícios previdenciários e assistenciais caiu no período de 2001 a 2010 de 70,6% para 68%, sendo que no Brasil essa taxa chega a 77,4%, já na seguridade social do Estado, essa cobertura chega 74,2%, considerada baixa, pois não há a obrigatoriedade de contribuição previdenciária, havendo uma maior redução de desigualdade, que segundo o índice de Gini, caiu de 56,5 para 50,4 entre 2000 e 2010. No Brasil, esse índice é de 54% (IPEA, 2012).

O setor que mais cresceu foi o de serviços, segundo a SEGPLAN (Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento), em função do grande contingente de migrantes que chegam à procura de emprego. A indústria de transformação cresceu 5% em Goiás, no país foi apenas de 1,6%. O comércio no Estado cresceu a uma média anual de 4% contra 3,3% do país. Uma renda agropecuária que cresceu 5,7% por ano no Estado contra 3,7% de média nacional. (IPEA, 2012).

Entre os três municípios selecionados, segundo a SEGPLAN, Rio Verde é o segundo município mais competitivo do estado, só perdendo para Goiânia. É o segundo lugar no valor adicionado agropecuário com 4,3%, o quarto na área industrial com 6,85%, em 2007, e um PIB de R\$ 3.083 Bilhões. Jataí tem sua economia fundamentada na agropecuária e um PIB de 2.416,424 mil reais. Já Mineiros tem um PIB de 1.163,204 mil reais e sua economia é fundamentada na agropecuária e indústrias de carne bovina e aves (IMB/GODADOS/2012).

Em 2010, 27,6% da população residente na microrregião frequentava alguma modalidade de ensino: 48,7% frequentavam o ensino fundamental, 17,5% o ensino médio, 12,75% o superior e 9,0% a pré-escola. A proporção de jovens frequentando ou concluintes no ensino superior em Goiás chegou a 94,3% em média (IBGE, 2010).

Nos municípios em estudo na microrregião do sudoeste de Goiás, há sete unidades de Instituições de Ensino Superior Públicas, sendo duas em Rio Verde (Instituto Federal Goiano e a Universidade de Rio Verde, Fesurv (Municipal), três situadas no município de Jataí (Instituto Federal de Goiás, Universidade Federal de Goiás e Universidade Estadual de Goiás) e duas em Mineiros (Universidade Estadual de Goiás e a Unifimes (Municipal)) (IMB/SEPLAN, 2013).

Com relação a estabelecimento de ensino nível pré-escolar ao médio, a microrregião apresentou um decréscimo de 10 unidades entre 2000 e 2011. Rio Verde possuía 33,6%, Jataí com 19,1% e Mineiros 42,6% desses estabelecimentos. Apesar de a microrregião ter apresentado redução do número de estabelecimento de ensino e de docentes, houve uma elevação de 31,4% no número de salas, com ampliação das instalações físicas de determinados estabelecimentos (IMB/SEPLAN 2013). Ainda segundo o (IMB/SEPLAN, 2013), a taxa de



alfabetização na década teve um aumento de 13,9%, havendo uma queda do número de matrículas na microrregião, sendo que o total, em 2012, alcançou 92,4% em relação ao obtido em 2000, com Rio Verde contribuindo em 39,4%, Jataí em 20,2% e Mineiros em 12,2% no total de matrículas. O número de alunos matriculados no Ensino Médio teve aumento ao longo da década, de 2000, correspondendo a 14,6% de aumento.

Entre 2000 e 2010, houve um crescimento de 104,3% no total de matrículas por parte do setor público na microrregião do sudoeste de Goiás. No setor privado, esse aumento foi de 156,1% com predominância de matrículas nos cursos de bacharelado, seguido dos cursos de licenciatura e por último, cursos superiores de tecnologia (IMB/SEPLAN, 2012).

O índice do IDH de Goiás era 0,735, em 2010, (IMB/2014) o sétimo colocado no ranking nacional. Das principais cidades que compõe a microrregião do Sudoeste de Goiás, temos Jataí com um IDH de 0,757, em seguida Rio Verde com 0,754 e depois Mineiros com 0,718. Sendo, que Jataí é o quinto colocado no estado, Rio Verde o sexto e Mineiros está na sexagésima terceira colocação. Já o Sudoeste de Goiás tem um IDH de 0,728 sendo esse menor que o do Estado de Goiás, que é de 0,776, segundo o IBGE e um índice de GINI de 0,40. Isto demonstra que na região a desigualdade social é menor que o restante do estado, com um PIB de 4.996,652 milhões e um PIB per capita de 31.052. Sendo 39% desse PIB vêm da agropecuária, 16% da indústria e 37% dos serviços (IMB/GODADOS/2012).

Os dados comparativos, quanto ao IDH, dos municípios do sudoeste de Goiás, entre 2000 e 2010, estão apresentados na Tabela 4.

Tabela 4 – Índice de Desenvolvimento Humano nos municípios da microrregião do sudoeste de Goiás e do Estado em 2000 e 2010.

Municípios	IDH 2000	IDH 2010
Acreúna	0.571	0.686
Chapadão do Céu	0.618	0.742
Jataí	0.627	0.757
Mineiros	0.590	0.718
Montividiu	0.578	0.733
Perolândia	0.551	0.676
Portelândia	0.613	0.654
Quirinópolis	0.633	0.740
Rio Verde	0.582	0.754
Santa Helena de Goiás	0.596	0.724
São Simão	0.571	0.720
Estado	0,615	0,735

Fonte: Atlas Brasil (2013).

O índice Firjan de desenvolvimento municipal também mostra a boa colocação dos municípios da microrregião do sudoeste de Goiás como Chapadão do Céu, segundo do ranking em Goiás, com um índice de 0,8302; Mineiros o sétimo com um índice de 0,7979; Jataí com, na nona colocação no ranking do estado com 0,7935; Rio Verde é o décimo quinto com o índice de 0,7821; Quirinópolis o vigésimo sexto tendo um índice de 0,7495 e São Simão no quadragésimo lugar no ranking, com índice de 0,7256.

Mineiros e Jataí foram impulsionados na década pelo bom desempenho em emprego e renda, Chapadão do Céu foi o item educação, Rio Verde também foi a educação. Já em São

Simão foi o índice saúde e o emprego e renda o pior patamar dos principais municípios do Sudoeste Goiano, com 0,4140. Esses municípios da região são os que avançaram em termos socioeconômicos, principalmente Jataí e Mineiros. (IFDM/FIRJAN, 2012). Na microrregião do sudoeste de Goiás, 95,3% da população são atendidos por água tratada e 51% em esgoto.

Na Tabela 5, a seguir, há um comparativo do IDH desses municípios e do Estado de Goiás, entre 2000 e 2010, em relação à renda, longevidade e educação. Houve melhoria nos três itens avaliados, demonstrando a influência do IDH na Região.

Tabela 5 – Índice de Desenvolvimento Humano nos três municípios mais populosos da microrregião do sudoeste de Goiás e do Estado, em 2000 e 2010, por dimensões.

Municípios e estado	IDH - 2000			IDH - 2010		
	Renda	Longevidade	Educação	Renda	Longevidade	Educação
Jataí	0.627	0.696	0.656	0.774	0.856	0.816
Mineiros	0.590	0.687	0.584	0.753	0.840	0.792
Rio Verde	0.582	0.642	0.656	0.765	0.853	0.766
Goiás	0,615	0,686	0,646	0,742	0,827	0,773

Fonte: Atlas Brasil (2013).

Quanto à expectativa de vida, há uma melhora, já que em 2000 a mortalidade infantil era de 24,4 e passa para 17, em 2012, segundo o Ministério da Saúde (2010), distante do exigido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que é dez por mil. A melhora na mortalidade infantil ocorre porque há um acompanhamento das gestantes com consultas pré-natal, de 54,7%, em 2000, para 63,4%, em 2010. A esperança de vida passa de 68,8 para 73,9, anos entre 2000 e 2010, segundo o IBGE (2010).

No entanto, nas áreas de educação e a saúde não foram atingidas as metas estabelecidas pelo PNUD, em função do não comprimento dos programas municipais de governo para a área e aplicação dos recursos alocados para as metas propostas na área ambiental também foram verificados problemas em relação ao atendimento da população como a rede de esgoto sanitário, situação essa diferente dos outros dois municípios.

Os três municípios da microrregião do sudoeste de Goiás selecionados foram Jataí, Mineiros e Rio Verde em relação às metas do desenvolvimento do milênio, por serem os mais populosos da Região e mais representativos quanto aos impostos que percebem via governo federal e arrecadação municipal.

No Gráfico 1, estão relacionadas as metas, propostas pela ONU, que deveriam ser cumpridas pelo município de Jataí na década. Em relação ao desenvolvimento na sua dimensão econômica ligada à pobreza, o município de Jataí teve um bom desempenho. Esse resultado pode estar diretamente ligado aos programas nacionais como o aumento real no valor do salário mínimo e programas de transferências de renda, como a Bolsa Família.

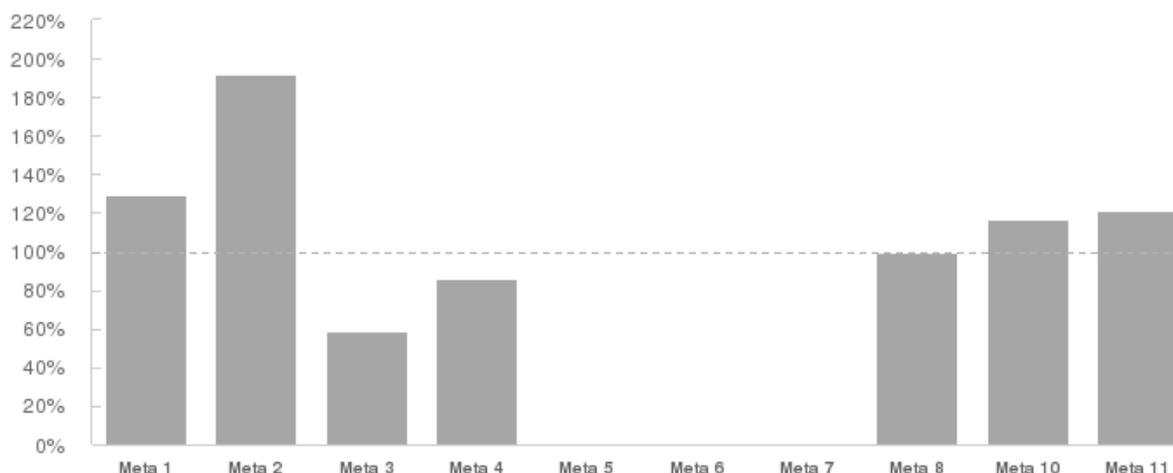


Gráfico 1 – Metas quanto ao ODM do município de Jataí.

Fonte: IBGE (2010).

O Gráfico 2 aponta que o município de Mineiros, em relação desenvolvimento na sua dimensão econômica, ligada à pobreza, teve um bom desempenho, assim como Jataí. Destaca-se a redução da população que sofre fome nos dois municípios.

Quanto à dimensão social do desenvolvimento nas áreas de saúde e educação, os dados são também muitos semelhantes aos de Jataí, portanto não foram cumpridas as metas de desenvolvimento do milênio nessas áreas. Os planos de governo do Município não foram cumpridos a tempo e não houve a aplicação total dos valores alocados para tal função.

Já em relação às dimensões ambientais de acesso à água e saneamento, as metas foram cumpridas. O aumento no percentual de urbanização do município de Mineiros pode ter contribuído para a melhora no acesso à água e ao saneamento, que raramente são atendidos na zona rural.

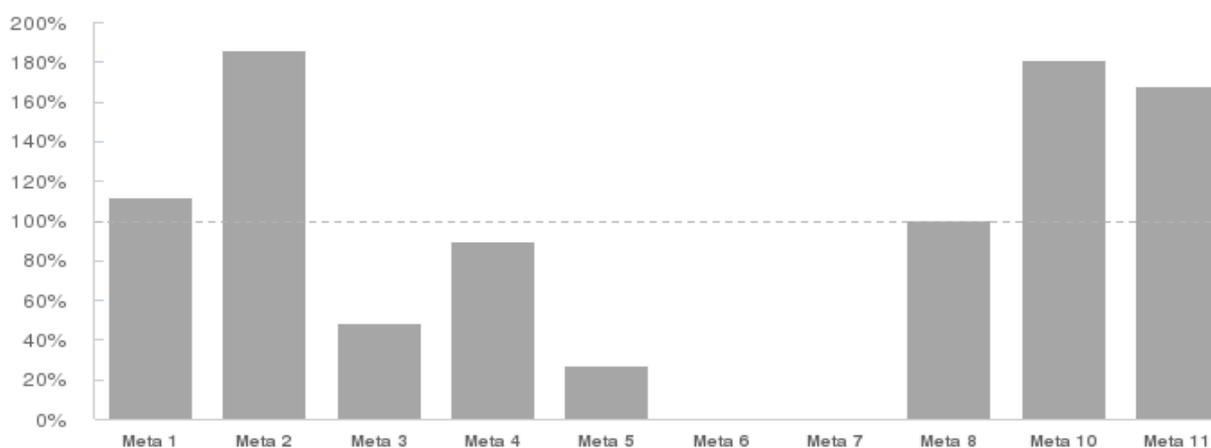


Gráfico 2 – Metas quanto ao ODM do município de Mineiros.

Fonte: IBGE (2010).

No município de Rio Verde, Gráfico 3, também foram observados dados semelhantes aos dos municípios anteriores, Jataí e Mineiros. Apesar do município de Rio Verde ter o maior

PIB da microrregião, também não cumpriu os objetivos propostos pela ONU para seu desenvolvimento e o da Região.

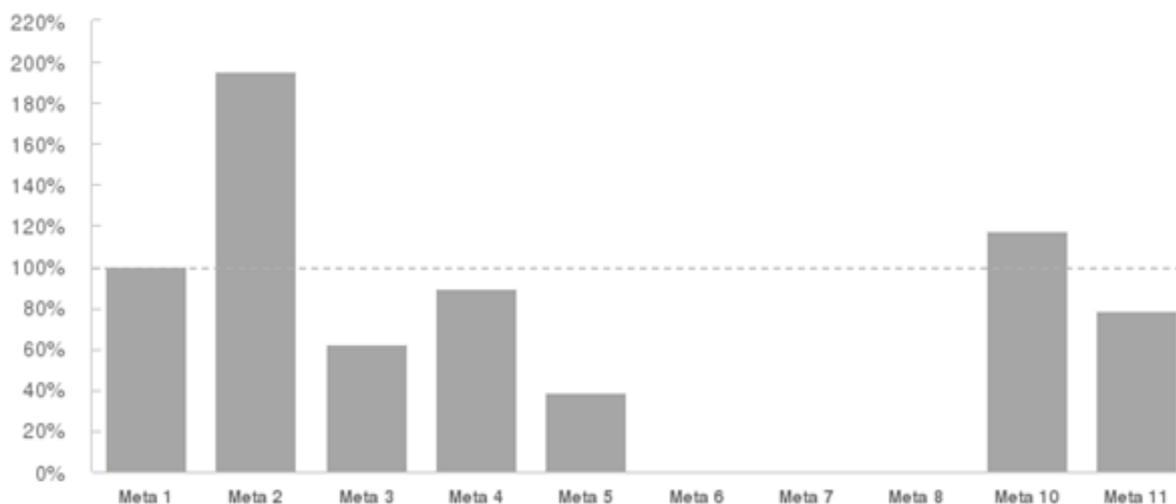


Gráfico 3 – Metas quanto ao ODM do município de Rio Verde.

Fonte: IBGE (2012).

Na dimensão econômica, em relação à pobreza houve redução da miséria absoluta, alcançada pelo ótimo desempenho das metas 1 e 2. Nas áreas de educação e saúde não foram atingidas as metas estabelecidas pelo PNUD, em função do não cumprimento dos programas municipais de governo em relação à aplicação dos recursos alocados para as metas propostas.

Na área ambiental, também foram verificados problemas no atendimento da população, como a rede de esgoto sanitário. Essa situação é diferente dos outros dois municípios. Apesar do município de Rio Verde ter o maior PIB da microrregião, também não cumpriu os objetivos proposto pela ONU para seu desenvolvimento e o da Região, como o referente ao meio ambiente. Como o Município é um grande produtor de grão, é difícil para o poder público fiscalizar e conscientizar o produtor quanto ao desmatamento de novas áreas.

Apesar do município de Rio Verde ter o maior PIB da microrregião, também não cumpriu os objetivos proposto pela ONU para seu desenvolvimento e da região, como o meio ambiente, para o qual o município é um grande produtor de grão e há dificuldades do poder público em fiscalizar e conscientizar o produtor quanto ao desmatamento de novas áreas. Em relação ao esgoto sanitário, até 2020, os governos do município pretendem cobrir 100% à cidade. Já a saúde, meta 8, os investimentos destinados para cobrir tal função não foram totalmente liberados pelo governo federal pois algumas metas anteriores não foram cumpridas e o valor está retido. As metas que não foram cumpridas pelos municípios da microrregião foram saúde, educação e o meio ambiente, essa última não sendo cumprida pelo município de Rio Verde. As demais, ou foram cumpridas totalmente, ou em parte, mas de maneira satisfatória, demonstrada pelos índices nos gráficos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Complexos Agroindustriais foram responsáveis pelas mudanças que estão ocorrendo na microrregião do sudoeste de Goiás, desencadeando um crescimento e um desenvolvimento econômico regional e suas contradições geradas pelo processo que ocorre no local com os impactos causados pelas atividades agropecuárias que implicaram mudanças na paisagem e destruíram grande parte dos cerrados.



O CAI fez com que a microrregião do sudoeste de Goiás tornasse um produtor de grãos e de carne com destaque nacional. Municípios que compõem o sudoeste de Goiás vêm se transformando em agropolos, com ênfase na inovação tecnológica. A industrialização da microrregião, sobretudo nos municípios de Jataí, Mineiros e Rio Verde tem apresentado um bom crescimento das atividades econômicas, com crescimento do PIB maior que a média nacional e estadual.

No levantamento sobre os indicadores de saúde, educação, emprego e meio ambiente, da microrregião do sudoeste de Goiás, é possível verificar que há fortes desigualdades entre os municípios, que podem ser justificadas pelo seu tempo de existência e o pouco investimento feito pelos governos estadual e federal, mas municípios como Rio Verde, Mineiros, Jataí, apresentam uma evolução nos seus indicadores socioeconômicos, mostrando que houve evolução na qualidade de vida da população.

Os municípios selecionados e a região apresentam melhoras significativas na evolução dos índices de desenvolvimento, em especial no IDH. No entanto, os resultados em relação aos objetivos do milênio apontam que as metas do desenvolvimento nas dimensões sociais de educação e, principalmente, saúde, não foram atingidas.

A geração de empregos proporcionada pela agroindústria gerou um processo de expansão urbana que interferiu no atendimento de necessidades básicas da população como água tratada e esgoto, acesso à educação, moradia, saúde, ao transporte público e ao lazer que é negada a grande parcela da população. Logo, o polo de crescimento não alcançou a qualidade de vida exigida para ser considerado também um polo de desenvolvimento.

Dessa forma, a industrialização da microrregião do sudoeste de Goiás, que ainda está em fase de crescimento, apresenta-se como uma excelente alternativa para o desenvolvimento do Estado, influenciando positivamente não só a economia local como também a melhoria na qualidade de vida de toda a população.

No levantamento efetuado sobre os indicadores de educação e saúde da microrregião, foi possível perceber que ainda há fortes desigualdades entre os municípios. Essas diferenças podem ser justificadas pelo histórico de cada um dos municípios, alguns mais jovens, outros com mais tempo de existência, mas essa não é a regra geral. As administrações municipais procuram justificar a falta de investimentos com a precariedade das verbas que lhes são destinadas pelos governos Federal e Estadual, o que é uma realidade em boa parte dos municípios brasileiros. Não é o caso, entretanto, dos municípios do Sudoeste de Goiás, porque a circulação de bens e serviços e os investimentos direto realizados pela iniciativa privada têm oferecido condições econômicas favoráveis para o trabalho dos prefeitos.

Municípios como Rio Verde, Jataí e Mineiros, apesar de terem sofrido uma redução em sua área, pelo desmembramento de seus territórios em novos municípios, com a consequente redução na distribuição dos fundos de participação, apresentam uma evolução histórica dos indicadores socioeconômicos mais homogêneos, mostrando que essa variação não foi suficiente para reduzir os investimentos realizados pelos administradores.

Os dados levantados por este trabalho mostram que o desenvolvimento da microrregião do sudoeste de Goiás aparenta ser autossustentável, já que as atividades econômicas que dão suporte a esse crescimento são modernas e diversificadas, caminhando de acordo com as tendências verificadas no Brasil. Para os especialistas, a agroindústria a partir de fontes renováveis, apesar de ainda sujeitas às flutuações de oferta e demanda do mercado mundial, são as que apresentam as melhores condições de desenvolvimento. Como a região ainda apresenta grandes áreas com potencial de aproveitamento superior ao atualmente existente, um planejamento adequado poderá transformar a microrregião do Sudoeste de Goiás em uma

região importante, sob o ponto de vista econômico, tanto para o Centro-Oeste quanto para o país.

Portanto, os projetos de incentivos fiscais para a atração de investimentos têm produzido resultados positivos sobre a economia goiana, especialmente sobre o desenvolvimento da microrregião do Sudoeste de Goiás. Os governos procuraram estimular o potencial natural da região, sua vocação agropecuária, estabelecer condições favoráveis para um melhor aproveitamento dessa produção, por meio da atração de agroindústrias que agregassem valor à agricultura e à pecuária locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALSAN, Rosane. CAMPO-TERRITÓRIO. **Revista de Geografia Agrária**, v. 1, n. 2, p. 123-151, In: Impactos decorrentes da modernização da agricultura brasileira, ago.2006.

BORGES, Barsanulfo Gomides. **Goiás nos quadros da economia nacional: 1930 – 1960**. Goiânia: UFG, 2005.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pesca e Meio Ambiente. **Relatório de Gestão 2010**. Brasília: MAPA, 2010. Disponível em: <http://www.mpa.gov.br/images/Docs/Acesso_a_informacoes/RELAT%C3%93RIO%20DE%20GESTAO%20-%202010.pdf> Acesso em: 01 set. 2013.

CASTRO, A. C.; FONSECA, M. da G. D. **A dinâmica agroindustrial do centro-oeste**. Brasília: IPEA, 1995.

CONAB. Companhia Nacional de Abastecimento. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Perfil do Setor do Açúcar e do Alcool no Brasil**. Brasília: MAPA/CONAB, 2010. Disponível em: <http://www.conab.gov.br/.../13_10_02_11_28_41_perfil_sucro2012.pdf> Acesso em: 09 out. 2013.

DELGADO, Guilherme C., Mudança Técnica na Agricultura, Constituição do Complexo Agroindustrial e Política Tecnológica Recente. **Cadernos de Difusão de Tecnologia**, Brasília: EMBRAPA, Vol. 2, nº 1- pg. 79-97, jan./abr. 1985.

EMBRAPA. **Tecnologias de Produção de Soja Região Central do Brasil 2004**. Disponível em: <www.cnpsa.embrapa.br/download/publicacao/central_2004.pdf> Acesso em: 02 nov. 2013.

FALEIRO, Nilton Antônio. **Estudos sobre os efeitos socioeconômicos da industrialização na região Sudoeste de Goiás-1980 a 2007**. Goiânia: UFG, 2010. (Dissertação, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Economia. Curso de Mestrado em Economia UFG).

FERREIRA, D. F.; FERNANDES FILHO, J. F. **Análise das transformações Recentes na Atividade Agrícola da Região de Goiás**. Goiânia: UFG, 1996.

FIRJAN. **Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal, ano base 2010**. Disponível em: <<http://www.firjan.org.br/Ifdm/versaoimpressa/files/assets/common/downloads/publication.pdf>> Acesso em: 26 jul. 2013.



GODADOS. Instituto Mauro Borges. **Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas**. Goiânia: SEPLAN, 2013. Disponível em: <<http://www.seplan.go.gov.br/sepin/pub/Godados/2013/htm>> Acesso em: 02 out. 2013.

IGLIORI, Danilo Camargo. **Economia dos Clusters Industriais e Desenvolvimento**. São Paulo: Iglu: FAPESP, 2010.

IMB/SEGPLAN. Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. **Conjuntura Econômica Goiana, Dezembro/2012**, n° 23-Governo de Goiás. Goiânia: IMB: SEGPLAN, 2012. Disponível em: <<http://www.seplan.go.gov.br/>> Acesso em: 07 jul. 2013.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Situação Social nos Estados – Goiás**. Brasília: IPEA, 2012. Disponível em: <<http://agencia.ipea.gov.br/index.php>> Acesso em: 02 jul. 2013.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MTE. Ministério do Trabalho e do Emprego. **Relação Anual de Informações Sociais**. Brasília: MTE, 2012. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/imprensa/rais-2012>> Acesso em: 20 set. 2013.

MÜLLER, Geraldo. **Complexo Agroindustrial e modernização agrária**. São Paulo: HUCITEC, 1989.

PIETREFASA, José Paulo, SILVA, Sandro Dutra (Orgs.). **Transformações no cerrado: progresso, consumo e natureza**. Goiânia: PUC Goiás, 2001.

PIRES, Murilo José de Souza; RAMOS, Pedro. **Implicações do processo de modernização na estrutura e nas atividades agropecuárias da região Centro-Sul do estado de Goiás**. Goiânia: Sober: UNICAMP, 2009.

RICCI, Judá (coord.). **Mercado de Trabalho do setor sucroalcooleiro no Brasil**. Brasília: IPEA, 1994.

GOIÁS. Secretaria de Infra Estrutura do Estado de Goiás. **Plano de Desenvolvimento dos Sistemas de Transportes do Estado de Goiás**. Goiânia: SIEEG, 2015. Disponível em: <<http://www.seinfra.goias.gov.br>> Acesso em: 25 mar. 2015.

SILVA, José Graziano da. **A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira**. São Paulo: Unicamp, 1998.

VIEIRA, Edson Trajano. **Industrialização e políticas de desenvolvimento regional: o vale do Paraíba Paulista na segunda metade do século XX**. São Paulo: USP, 2009. (Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Economia pela Universidade de São Paulo).